

TEXTOS
(Sugestões para seminários)

PALMARES
(Nina Rodrigues)

Que na organização de Palmares tivessem tido voto e peso os foragidos de cor de todos os matizes, temperando e não mascarando o ascendente de chumbo da direção africana, é coisa natural e com que se devia contar. Palmares nascida desse mesmo ajuntamento de escravos e aventureiros de cor que nem todos eram negros. Sem fortes e radicadas tradições de governo africano, as noções de que se tinham impregnados os negros na longa convivência com o povo em cujo seio viveram escravos, deviam forçosamente comunicar a Palmares tons das regras e hábitos a que estiveram submetidos. Assim como os hábitos adquiridos na América emprestavam característicos especiais aos africanos que regressavam à Costa onde eram tidos por colônia brasileira, assim no governo de Palmares muito devia haver de importado das práticas e costumes da colônia portuguesa.

O que se apura, em resumo, das descrições conhecidas é que em liberdade os negros de Palmares se organizaram em um estado em tudo equivalente aos que atualmente se encontram por toda a África ainda inculta. A tendência geral dos negros é a se constituírem em pequenos grupos, tribos ou estados em que uma parcela variável de autoridade e poder cabe a cada chefe ou potentado. Cada vez que aparece um chefe de maior prestígio e felicidade na guerra ou no mando, esses pequenos estados se subordinam a um governo central despótico que se pode considerar eletivo neste sentido de tocar sempre ao que dá provas de maior valor ou astúcia. Palmares não é um caso especial e sem exemplo na história dos povos negros.

(...) Se à lição que dá a história destas cidades de negros fugidos, que todas se mantiveram independentes e agressivas, acrescentarmos o perigo que o coronel Binger denunciava, para a civilização e para a sorte das colônias francesas do Sudão, na constituição dos grandes Estados negros, melhor se porá em destaque a benemerência das armas portuguesas, destruindo o formidável quilombo de Palmares. O sentimento de simpatia pela mísera sorte dos negros escravizados, que é a generosa característica da nossa época; a justa admiração e denodo com que Palmares soube defender-se; e mais ainda o sacrifício de seus chefes, preferindo o suicídio

ao cativo ou à punição, no que se quer encarnar um culto heróico à liberdade, tem fascinado a muitos historiadores e publicistas que, na exaltação da República, quase chegam a lamentar o seu extermínio. Mas acima dessa idolatria incondicional pela liberdade que pode, em sua cegueira sectária, confundir coisas distintas e descobrir intuítos liberais onde houve apenas o instinto de salvação, para o respeito pela cultura e civilização dos povos. Em nome da civilização e progresso futuros da colônia lusitana, tem-se acreditado justo e permitido deplorar-se o insucesso do domínio holandês no Brasil.

A todos os respeitos menos discutível é o serviço relevante prestado pelas armas portuguesas e coloniais, destruindo de uma vez a maior das ameaças à civilização do futuro povo brasileiro, nesse novo Haiti, refratário ao progresso e inacessível à civilização, que Palmares vitorioso teria plantado no coração do Brasil. E esse sucesso não foi produto de uma ação fácil e sem perigo. Custou, ao contrário, à tenacidade e previdência do governo colonial, grandes sacrifícios de homens e de dinheiro.

(**Os Africanos no Brasil**, pp 119-121. Revisão e prefácio de Homero Pires São Paulo, Editora Nacional, 1932. Coleção "Brasíliana", vol. 9. Na quarta edição, publicada em convênio com o Instituto Nacional do Livro, em 1976, o texto transcrito encontra-se às pp. 76 a 78).

*

RELAÇÕES ANTIGAS ENTRE A ÁSIA ORIENTAL E A AMÉRICA OCIDENTAL (Humboldt)

Julgo ter demonstrado que os povos ocidentais do antigo continente tinham tido relações com a Ásia oriental muito antes da chegada dos espanhóis. A analogia dos calendários mexicanos, tibetanos e japoneses, das pirâmides de degraus orientadas com toda a exatidão, os mitos antigos acerca das quatro idades, ou os quatro cataclismos do mundo, e a dispersão da raça humana depois de uma grande inundação, são outros tantos indícios em apoio de tal crença.

(...) As antigas relações entre o oeste da América e o oriente da Ásia são, no meu parecer, mais que verossímeis; mas por que caminhos e com que raças da Ásia se realizou esta comunicação? É impossível, por hoje, determiná-lo. Devia ser bastante pequeno o número de indivíduos, pertencentes à ilustrada classe sacerdotal, para produzir grande mudanças